



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LETRAS**

IVNA KARINNE RAMOS OLIVEIRA

**“A QUEDA DA CASA DE USHER”: UMA LEITURA DAS CATEGORIAS DO
FANTÁSTICO SEGUNDO TODOROV**

**CAMPINA GRANDE
2016**

IVNA KARINNE RAMOS OLIVEIRA

**“A QUEDA DA CASA DE USHER”: UMA LEITURA DAS CATEGORIAS DO
FANTÁSTICO SEGUNDO TODOROV**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciada em Letras, com habilitação em Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura Inglesa.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro.

**CAMPINA GRANDE
2016**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

O48q Oliveira, Ivna Karinne Ramos
"A queda da casa de Usher" [manuscrito] : uma leitura das categorias do fantástico segundo Todorov / Ivna Karinne Ramos Oliveira. - 2016.
25 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2016.
"Orientação: Profa. Dra. Maria Goretti Ribeiro, Departamento de Letras e Artes".

1. Literatura americana 2. Literatura fantástica 3. Gênero literário 4. Conto I. Título.

21. ed. CDD 820

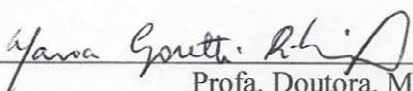
IVNA KARINNE RAMOS OLIVEIRA

“A QUEDA DA CASA DE USHER”
UMA LEITURA DAS CATEGORIAS DO FANTÁSTICO SEGUNDO TODOROV

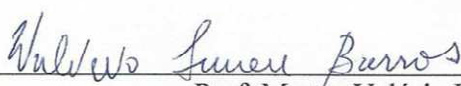
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Universidade Estadual da Paraíba, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: Campina Grande, 17 de outubro de 2016.

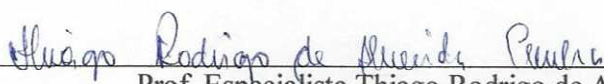
BANCA EXAMINADORA



Nota: 10,0
Prof. Doutora. Maria Goretti Ribeiro
UEPB



Nota: 10,0
Prof. Mestre Valécio Irineu Barros
UEPB



Nota: 10,0
Prof. Especialista Thiago Rodrigo de Almeida Cunha
UEPB

CAMPINA GRANDE
Outubro/2016

Ao meu Deus, pelo cuidado, amor e inspiração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente a Deus, pela força, ânimo e sustento providos no decorrer de minha formação acadêmica.

Minha mãe, Ionete Oliveira, por ter me viciado em leitura desde criança. Graças ao seu incentivo, pude me desenvolver melhor no meu curso, pois as leituras obrigatórias se tornaram incrivelmente divertidas.

Meu padrinho por adoção, Dr. Evaldo Dantas da Nóbrega, obrigada por me apoiar e incentivar desde as Ciências Biológicas, e mesmo antes disso. O senhor não sabe, mas foi muito importante em minha decisão de seguir em frente. Obrigada, sinceramente!

Professora Dra. Maria Goretti Ribeiro, agradeço pelas leituras sugeridas ao longo de minha orientação e pela dedicação, apoio e compreensão, me acompanhando desde o segundo período de minha licenciatura.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras, com habilitação em Língua Inglesa da UEPB, que foram fundamentais para o meu desenvolvimento, bem como de meus colegas de turma, ao longo de nossa caminhada juntos. Um agradecimento especial às queridas Karyne Soares, Telma Ferreira, Kaline Brasil, Raghuram Sasikala, Maria das Neves Soares, Sudha Swarnakar, Daniela Gomes, Marília Cacho e Nathalia Sátiro; lembrarei de nossas aulas com muito carinho. Técio Macedo, Matheus Fragoso, Thiago Almeida e Valécio Irineu, o mesmo se aplica a vocês, muito obrigada pelas contribuições preciosas.

Minha gratidão aos funcionários da UEPB, pelo atendimento sempre que necessário, e pelos cumprimentos trocados nos corredores da CIAC. Os seus sorrisos tornavam os nossos dias mais agradáveis.

Agradeço aos colegas de classe pelos momentos de companheirismo e estresse compartilhado. Quanta saudade eu sinto de passar minhas manhãs com vocês!

Muito obrigada, especialmente, Adriana Santos, que me ofereceu sua amizade além das paredes da universidade, permitindo que eu entrasse em sua casa e convivesse com sua família. Benedito Gomes, Maria da Penha, Amanda, Itatiane e Armando Santos, obrigada por aguentarem minhas visitas constantes em Areia.

Fabiana Ferreira, Elyonara Borges, Danielly Alves, Ricardo Pimentel, Lissandro Jonas, Tamiris Santos e Sonale Araújo, companheiros das Letras (Inglês, Português e Espanhol), muito obrigada pelas horas e horas de conversas, debates acadêmicos, histórias

engraçadas, silêncio dividido. . . Enfim, obrigada por participarem dos meus dias na UEPB e fora dela. Vocês são especiais!

Não posso esquecer dos amigos de corredor Helena Queiroz, Juliana Almeida, Monyke Nascimento, Patrícia Alvarenga Melquíades e Carlos Arthur (chocolate), vocês fazem parte dessa história (sim, a piada sem graça foi intencional!).

Aos queridos alunos e ex-alunos do Curso de Extensão, muito obrigada pelas tardes compartilhadas, trocas de experiências e conhecimento, pelos pedidos de intervalo durante as aulas, pelas fotos e confraternizações, pelos votos de sucesso e felicidades. Graças a vocês, cresci muito durante os últimos anos. Acreditem, sentirei falta de cada um. Espero que voltemos a nos encontrar!

Enfim, meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que, mesmo não sendo citados nominalmente, desempenharam um papel importante em minha vida, tanto acadêmica quanto pessoal. A caminhada foi divertida, mas houve momentos difíceis, superados graças a todos vocês.

Muito obrigada por me ajudar a tornar real o dia de hoje!

Nosso século foi favorável à literatura fantástica. Nele ela encontrou seu renascimento, do qual nós não vimos senão a aurora. A honra dessa nova floração tem origem provavelmente na ciência quando essa nos ensina que uma ligeira alteração de nossa retina faria o mundo para sempre descolorido, ela sugere a todos o pensamento de que o mundo real poderia bem não ser senão uma aparência, como já os filósofos o sabiam. Quando ela nos provê de criaturas dotadas de órgãos e de sentidos diferentes dos nossos, ela faz pressentir que deve haver tantas aparências de mundos quantas formas de olhos e de variedades de entendimento. A ciência torna-se assim a aliada e, mais ainda, a inspiradora do escritor fantástico: ela o encoraja a sonhar mundos imaginários ao falar-lhe sem cessar de mundos ignorados.” (BARINE, 1908, p. 3).

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	08
2.1	Literatura Fantástica.....	08
2.1.1	As Categorias do Fantástico Segundo Todorov.....	09
2.2	Edgar Allan Poe	10
2.2.1	“A Queda da Casa de Usher”.....	11
2.2.2	O que encontramos na Casa de Usher?.....	13
3	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS	20

“A QUEDA DA CASA DE USHER”: UMA LEITURA DAS CATEGORIAS DO FANTÁSTICO SEGUNDO TODOROV

Ivna Karinne Ramos Oliveira¹

RESUMO

A literatura por si, constitui-se como uma fuga da realidade; mas algumas obras se apresentam mais fortemente nesse sentido, com descrições ligadas ao sobrenatural, ao *fantástico*. Ao longo dos anos, muitos estudiosos têm dedicado seus escritos à análise do *fantástico*, formulando teorias, caracterizações e categorizações. Um destes, foi Todorov (1980), que definiu três categorias para o gênero em questão. Com isto em mente, escolhemos o conto “A Queda da Casa de Usher”, de Edgar Allan Poe, considerado, por muitos, um dos expoentes tradicionais do estilo, e realizamos sua leitura e subsequente análise à luz das categorias expostas por Todorov, com o objetivo de descobrir em qual delas o conto seria encaixado de forma mais adequada. Ao fim de nosso estudo, concluímos que a narrativa escolhida se encontra no território chamado *estranho*. Embora seja impressionante e se aproxime do sobrenatural, as incongruências dos acontecimentos descritos podem ser explicadas racionalmente, o que descarta seu enquadramento nas definições de *fantástico* e *maravilhoso*.

Palavras-Chave: Literatura Fantástica. Categorias. Edgar Allan Poe.

1 INTRODUÇÃO

O estilo literário chamado *fantástico* tem, com o passar dos anos, ocupado um espaço cada vez maior nas prateleiras de estudiosos e de leitores em geral. Mas este não é um gênero novo, no sentido estrito da palavra. Segundo Lovecraft (2008), a conexão entre o *fantástico* e a literatura existe desde o período em que o homem desenvolveu a capacidade de se comunicar; surgindo em antigos rituais religiosos, originando mitos e lendas, se desenvolvendo durante o período clássico literário e evoluindo para se tornar aquilo que conhecemos na atualidade.

Muitos estudiosos se dedicaram ao detalhamento do *fantástico*, traçando cronologias, fazendo caracterizações e delimitações, separando e elegendo obras que, segundo eles, preenchem os requisitos necessários para receber o rótulo em questão; dentre tantos, destacamos os trabalhos de Todorov (1980) e sua categorização do gênero. Sobre as obras, podemos citar as escritas por Edgar Allan Poe, que, de acordo com Lovecraft (2008), é um dos responsáveis pela manutenção da tradição *fantástica* na literatura norte-americana.

¹ Aluna de Graduação em Letras, com habilitação em Língua Inglesa, na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.

Email: ivna.karinne@gmail.com

Para o presente trabalho, elegemos um dos contos de Edgar Allan Poe, A Queda da Casa de Usher² (*The Fall of The House of Usher*) (POE, 2006), empreendendo sua leitura à luz das categorias apresentadas por Todorov (1980), buscando identificar em qual delas a obra apresentada pode ser adequadamente encaixada.

Poe foi escolhido por ser mencionado como um dos expoentes da literatura *fantástica*, com muitas obras na área, e por ser citado como fonte de inspiração para autores como Clive Barker, Anne Rice, Stephen King, o próprio Lovecraft, além do brasileiro André Vianco. Optamos por Todorov por este ser considerado um dos primeiros a conceituar e delimitar o *fantástico*, sendo também um dos pilares para os estudiosos que o seguiram.

Nosso estudo contém uma breve fundamentação teórica, contendo uma explicação introdutória a respeito da literatura *fantástica*, as categorias de Todorov para a mesma, uma curta menção à Poe, sua vida e seu estilo de escrita, bem como o resumo do conto a ser analisado. Em sequência, trazemos nossa leitura, baseada nos conceitos de Todorov e no texto original de Poe, seguidos por nossas considerações finais e referências.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De resto, seria necessário, depois de tudo, que o fantástico retornasse para nós, não importa os esforços que se fizessem para proscrevê-lo. O que se desarraiga mais facilmente em um povo não são as ficções que o preservam: são as mentiras que o iludem. (NODIER, 1989, p. 35)

2.1 Literatura Fantástica

O termo *fantástico*, geralmente, é o bastante para suscitar diversas imagens e ideias na mente daquele que o lê. Mas quais seriam as definições adequadas para o mesmo? O dicionário *online* Caldas Aulete (AULETE; VALENTE, 2016), nos diz que, *fantástico* significa algo “criado pela imaginação; que parece inacreditável; extraordinário; que se mostra exótico, extravagante”. Já o Michaelis (1998), informa que, *fantástico* é “aquilo que é produto da imaginação, que só existe como fantasia” e, especificamente falando de literatura, que é “a obra ou gênero caracterizado pela transcendência do real, pela incursão ao mundo sobrenatural, do terror, da magia, do sonho ou da ficção científica”.

Segundo Rodrigues (1988), as opiniões de estudiosos a respeito da literatura fantástica são conflituosas, diversas e, em alguns casos, chegam a se entrecortar, apresentando considerações divergentes no que se refere à sua origem, natureza e particularidades. Ainda assim, a autora afirma que, se levarmos em conta o sentido amplo do termo *fantástico*, o gênero se constituiria na mais antiga forma de narrativa.

² *The Fall of the House of Usher.*

Com o decorrer dos anos, muitas obras foram escritas e categorizadas como sendo pertencentes ao gênero *fantástico*, tomando por base aspectos como: personagens incongruentes com a caracterização de seres humanos reais, acontecimentos inexplicáveis sob o ponto de vista do natural, e assim por diante. Mas, de acordo com Tomachevski,

No verdadeiro fantástico, guarda-se sempre a possibilidade exterior formal de uma explicação simples dos fenômenos, mas ao mesmo tempo essa explicação é completamente privada de probabilidade interna. Todos os detalhes particulares devem ter um caráter cotidiano, mas considerados em seu conjunto eles devem indicar outro tipo de causalidade. (TOMACHEVSKI, 1965, p. 288)

Rodrigues (1988) afirma ainda que, para tratarmos do *fantástico*, temos que considerar a existência dual entre verossimilhança e inverossimilhança, pois ambas são amplamente encontradas e relacionadas com tais narrativas. É possível encontrar entrecruzamentos entre fatores reais e irrealis, naturais e sobrenaturais, ambiguidades e inconsistências que promovem hesitações e incertezas quanto à suas prováveis explicações, e se as mesmas poderiam ser de ordem lógica e racional.

Diferentes estudiosos se utilizam de termos classificatórios distintos em suas análises, dentre os quais podemos mencionar: realismo mágico, terror, estranho, fantástico, surreal, insólito, maravilhoso, desconhecido, para citar apenas alguns. Em nosso estudo, destacamos de forma especial as categorizações apresentadas na obra *Introdução à Literatura Fantástica*, de Todorov (1980).

2.1.1 As Categorias do Fantástico Segundo Todorov

No escopo dos ‘acontecimentos e descrições’ pertinentes à literatura, bem como às suas explicações, Todorov (1980) nos brinda com três definições: o *fantástico*, o *estranho* e o *maravilhoso*.

Quando nos deparamos com situações incertas em suas interpretações, quando observamos a vacilação entre polos opostos (realidade e sonho, verdade e ilusão, real e imaginário, etc.), estamos nos confrontando com o *fantástico*, por assim dizer. Segundo o autor, precisamos considerar o texto lido como pertencendo ao mundo real, transitando entre explicações naturais ou sobrenaturais para os acontecimentos descritos. “[...] Nos textos fantásticos, o autor relata acontecimentos que não são suscetíveis de produzir-se na vida diária [...]” (TODOROV, 1980, p. 20). O autor afirma que a definição do *fantástico* se dá em relação aos conceitos que lhe são vizinhos.

Caso os acontecimentos descritos possam ser explicados tomando por base as leis naturais existentes, bem como a racionalidade, sem a necessidade de nenhuma alteração das mesmas, ou a evocação de algo sobrenatural, tratamos do gênero *estranho*. Este, encontra-se relacionado com os sentimentos vivenciados pelas pessoas, especialmente o medo e outras reações semelhantes (pânico, pavor, terror), não com os acontecimentos, aparentemente, carentes de explicações arraigadas na dita ‘realidade concreta’. Contrariamente, se a explicação de um fenômeno/acontecimento exige que se admitam ‘novas leis da natureza’, diferentes das conhecidas, nos vemos diante do gênero *maravilhoso* (TODOROV, 1980). Em se tratando deste último, não existe a preocupação de uma explicação lógica, pois lida com acontecimentos impossíveis de se realizarem no ‘mundo real’ (MARÇAL, 2009).

2.2 Edgar Allan Poe

Nascido em 19 de janeiro de 1809, filho de atores, o norte-americano Edgar Allan Poe foi uma figura controversa. Esteve envolvido em situações escandalosas e vícios durante toda a sua vida e, mesmo sua morte, não pôde ser explicada de maneira satisfatória. Fontes históricas afirmam que, em oposição aos outros escritores da época, Poe não se preocupava com as aparências, não buscava a aura de respeitabilidade exigida pela sociedade, assumindo uma postura melancólica, sombria e autodestrutiva. Apesar de suas lutas e dificuldades pessoais, foi um escritor bastante produtivo, com mais de 350 contos publicados, além de poemas, ensaios, artigos críticos, entre outros. Seu valor, no que toca os campos literário e cultural, só passou a ser considerado a partir da primeira metade do século XX (SOVA, 2006).

O interesse de Poe pela Psicologia e pelo lado mais obscuro da natureza humana se torna perceptível na construção de seus personagens, quase sempre localizados em zonas limítrofes da racionalidade e da saúde (física ou psicológica/emocional). Suas atitudes e reações parecem ser projetadas com o intuito de gerar uma resposta emocional por parte de seus leitores, de forma que se encontrem cada vez mais envolvidos pelas narrativas apresentadas (LOURENÇO, [s.d.]).

O próprio Poe, em sua *Filosofia da Composição* (POE, 1846), revela que seus escritos foram pensados de forma a atingir determinados resultados. Ele afirma que suas histórias são elaboradas cuidadosamente para que não sejam longas demais, podendo ser lidas sem interrupções ou distrações. O efeito provocado por tal tipo de leitura seria, segundo o autor, o ideal. Em suas obras, é possível observar momentos de suspense, impessoalidade, subjetividade no tratamento do ‘sobrenatural’, um estilo próprio e particular, sem imposições

mas com margem para que o leitor imagine as cenas à sua maneira. Por conta de suas características de estilo e teor de escrita, muitos estudiosos consideram Poe como sendo o maior escritor de contos fantásticos até os dias de hoje (SILVA, 2012).

2.2.1 “A Queda da Casa de Usher”

O conto “A Queda da Casa de Usher” nos fala sobre os acontecimentos que têm lugar na propriedade de mesmo nome. O narrador começa descrevendo os sentimentos que o assolam ao adentrar a propriedade de Roderick Usher, amigo de infância, com quem, há muito, não tinha contato. Por meio de uma carta, Roderick solicita que uma visita seja feita com urgência, e assim acontece.

A caracterização da propriedade é lúgubre: vapores que se elevam de um lago estagnado em frente à mansão; a sensação funesta que persegue quem passa pelo caminho; janelas que parecem olhos vazios observando tudo ao seu redor. O narrador se sente angustiado enquanto percorre o caminho para a casa de seu amigo, a qual lhe provoca a impressão de estranhamento, mesmo tendo sido palco de suas vivências infantis.

Na fachada da mansão, se encontra uma fina e quase imperceptível rachadura, que percorre, em *zigzag*, um caminho sinuoso do teto ao chão, mas é, aparentemente, inofensiva, não se conformando em uma ameaça para a integridade da construção. No interior da casa, se observa uma decoração escura, com tapeçarias pesadas e antigas, bem como móveis que estão na família há gerações.

A aparência mórbida de Roderick surpreende o narrador. Desde criança, o herdeiro da família Usher, possuía características franzinas e delicadas mas, agora, assemelha-se a um cadáver, com olhar distante e profundo, pele mortíça, estado de ânimo controverso e agitado.

Com o passar dos dias em companhia do amigo, o narrador descobre alguns fatores que o ajudam a compreender melhor a situação que se lhe apresenta. Há gerações, a Casa de Usher é afligida com uma doença nervosa que não recebe denominação específica, mas que provoca sintomas anormais e perturbadores, tais como hipersensibilidade auditiva e gustativa, comportamentos ora apáticos ora agitados, entre outros.

Além de Usher, a mansão também é habitada por sua irmã, lady Madeline, que se encontra, no momento em que a história é narrada, fortemente prejudicada por uma doença que não pode ser revertida por seus médicos. A moça perde as forças de seus membros de forma abrupta, passando dias de cama, como a dormir, despertando sem aviso prévio; ciclo que se repete, com resultados cada vez mais fortes e persistentes. Seu estado torna Roderick cada vez

mais nervoso pois, como se descobre posteriormente, eles são irmãos gêmeos, e foram as únicas companhias um do outro por anos a fio. A moça só é avistada pelo visitante em um momento, de forma passageira, enquanto ela transita entre os cômodos da casa, como se não visse ninguém.

Poucos dias após sua chegada, Roderick comunica ao seu amigo que sua irmã “já não é”, mas que não será sepultada imediatamente porque tem medo que, com a manifestação da doença, ela não esteja realmente morta. Os dois amigos se encarregam do sepultamento provisório de Madeline, e a colocam em uma das tumbas abaixo da mansão. Esta conta com uma porta de ferro e era, aparentemente, utilizada para o armazenamento de algum material em pó, embora não parecesse ter sido usado por muitos anos. Após o fechamento do caixão, os dois se retiram para os aposentos superiores da casa, ainda perturbados porque a moça parece apenas adormecida, com bochechas rosadas e a insinuação de um sorriso nos lábios.

Com o passar dos dias, o comportamento de Roderick se torna mais e mais agitado e, até certo ponto, compulsivo, deixando seu amigo apreensivo. Em uma das noites que se seguem, sem conseguir dormir, o narrador ouve sons estranhos pela casa, seguidos por batidas em sua porta. Roderick estava histérico e adentra o quarto do amigo, encaminhando-se para a janela com o intuito de lhe mostrar a névoa brilhante que cerca a mansão, acompanhada de uma tempestade que começa a cair sem aviso prévio.

Com o intuito de acalmar e distrair Roderick, o narrador começa a ler um livro que está ao seu alcance, “*Mad Trist*”, um romance medieval. Ele também está nervoso, mas seu comportamento deve transmitir o oposto para que possa controlar o amigo. No entanto, com o decorrer da leitura, ele ouve sons que parecem combinar perfeitamente com aqueles descritos pelo autor em sua obra. Inicialmente, o narrador opta por ignorar o que ouve, creditando os sons à sua imaginação excitada pelo clima mórbido que permeia o ambiente e, também, buscando não alarmar o, agora, imóvel Roderick. Mas os sons se tornam cada vez mais fortes e distinguíveis, mesmo sob a força da tempestade.

Ao olhar para Roderick, o narrador percebe que ele se movimentou de forma a ficar de frente para a porta do quarto e percebe que seus lábios se movem, como em uma prece silenciosa. Se aproximando um pouco mais, as palavras de Roderick se tornam inteligíveis. O amigo, nervoso e apavorado revela que tem ouvido os sons por dias, que eles sepultaram Madeline viva e que ela, agora, retornava para se vingar da atitude intempestiva e cruel do irmão. Usher grita que a irmã está do outro lado da porta no mesmo momento em que o vento sopra com maior força, abrindo os painéis de madeira e revelando que o medo do irmão tinha razão de ser.

Diante de ambos, se encontra Madeline, com a roupa, antes branca e imaculada, manchada de sangue, talvez resultante de sua luta para escapar da tumba em que se

encontrava. Com suas últimas forças, Madeline se lança contra Roderick e o narrador observa ambos caírem ao chão, mortos. Com essa visão e tomado de pavor, ele foge da casa enquanto ouve sons de quebra e desabamento. Ao olhar para trás, visualiza a lua vermelha e a Casa de Usher sucumbindo à rachadura que lhe percorria do teto ao chão, sendo sepultada nas águas estagnadas do lago.³

2.2.2 O que encontramos na Casa de Usher?

Ao caminharmos pela propriedade de Usher, juntamente com o narrador da história, somos assaltados por uma gama de sentimentos desagradáveis, descrições, até certo ponto, assombrosas, bem como acontecimentos que desafiam os leitores mais atentos a prover explicações racionais para aquilo que lhes é mostrado. Para comprovar tais afirmações, nos utilizamos de citações extraídas do conto em questão, confrontando-as com a teoria apresentada por Todorov (1980).

O trecho a seguir traz a descrição do dia, bem como das sensações experimentadas pelo amigo de Usher, enquanto se dirigia para a mansão:

Durante um dia maçante, escuro e silencioso de outono, quando as nuvens estavam opressivamente baixas, eu passava sozinho, no lombo do cavalo, através de uma parte singularmente aborrecida do país; enquanto as sombras da noite se avizinhavam, me encontrei, me encontrei à vista da melancólica casa de Usher. Não sei o que era mas, com o primeiro vislumbre da construção, um sentimento de tristeza insuportável invadiu meu espírito. (POE, 2006, p. 299)⁴

A citação suscita o questionamento: o que motivou os sentimentos do narrador? Algo sobrenatural? Sua preocupação com o amigo a quem está indo visitar? Ou, simplesmente, a paisagem árida e pouco convidativa? Parte da tensão aqui apresentada reside, justamente, na adjetivação utilizada por Poe (2006) para caracterizar o ambiente em que ocorre a história; ele emprega elementos góticos tradicionais, tais como a esterilidade da paisagem e a inclemência do clima (EDITORS, 2002). Os traços definidos no trecho mencionado nos levam à conclusão de que os conceitos de *fantástico* e *maravilhoso*, não são aplicáveis; o conceito de *estranho*, por outro lado, se encaixa perfeitamente (TODOROV, 1980).

³ Resumo da autora, baseado na leitura de Poe (2006).

⁴ (Tradução livre da autora) “*During the whole of a dull, dark, and soundless day in the autumn of the year, when the clouds hung oppressively low in the heavens, I had been passing alone, on horseback, through a singularly dreary tract of country; and at length found myself, as the shades of the evening drew on, within view of the melancholy House of Usher. I know not how it was — but, with the first glimpse of the building, a sense of insufferable gloom pervaded my spirit.*” (POE, 2006, p. 299)

Ao observar a mansão à distância, o narrador dá vazão às dúvidas para as quais ainda não tem respostas. Seu estado de nervos parece se alterar pela influência tanto do ambiente em que se encontra quanto da casa em si.

O que era aquilo, parei para pensar, que me enervava tanto na contemplação da Casa de Usher? Era um mistério insolúvel, e eu não conseguia lidar com as fantasias sombrias que povoavam minha mente enquanto eu ponderava. Fui forçado à insatisfatória conclusão de que, sem dúvidas, existem combinações de objetos naturais muito simples que tem o poder de nos afetar, e que a análise desse poder se encontra além de nossa capacidade de compreensão. Era possível, eu refleti, que a mera disposição das coisas de maneira diferente na cena, dos detalhes do quadro, seria suficiente para modificar, ou mesmo aniquilar sua capacidade de impressionar dolorosamente [...] (POE, 2006, p. 299)⁵

Aqui, o narrador se questiona e se responde, chegando à conclusão de que toda a impressão que tinha, poderia ser modificada caso os elementos da paisagem observada fossem reorganizados. Mesmo que ele próprio não tenha ficado satisfeito, o resultado atingido se localiza no campo racional, trazendo a citação para o conceito do *estranho* (TODOROV, 1980).

O trecho a seguir, mesmo trazendo impressões e sensações que não se coadunam à, assim chamada, normalidade, não causa dúvidas a respeito do que realmente está acontecendo.

Minha imaginação estava tão ativa que realmente acreditei que, ao redor da mansão e da vizinhança imediata, havia uma atmosfera peculiar — uma atmosfera que não tinha afinidade com o ar do céu, mas que vinha das árvores apodrecidas, e do muro cinzento, e do lago silencioso — um vapor pestilento e místico, entorpecente, vagaroso, fracamente discernível e semelhante à cor do chumbo. (POE, 2006, p. 301)⁶

O narrador credita suas sensações à atividade excessiva de sua imaginação, que o levou a acreditar que o ambiente que se lhe apresentava estava envolvido por algum tipo de magia ou misticidade. As características atribuídas à atmosfera que circunda a residência e circunvizinhanças, mesmo causando certa estranheza e, em certo nível, opressão, não podem

⁵ Tradução livre da autora) “*What was it — I paused to think — what was it that so unnerved me in the contemplation of the House of Usher? It was a mystery all insoluble, nor could I grapple with the shadowy fancies that crowded upon me as I pondered. I was forced to fall back upon the unsatisfactory conclusion, that while, beyond doubt, there are combinations of very simple natural objects which have the power of thus affecting us, still the analysis of this power lies among considerations beyond our depth. It was possible, I reflected, that a mere different arrangement of the particulars of the scene, of the details of the picture, would be sufficient to modify, or perhaps to annihilate its capacity for sorrowful impression[...]*” (POE, 2006, p. 299)

⁶ (Tradução livre da autora) “*I had so worked upon my imagination as really to believe that about the whole mansion and domain there hung an atmosphere peculiar to themselves and their immediate vicinity — an atmosphere which had no affinity with the air of heaven, but which had reeked up from the decayed trees, and the gray wall, and the silent tarn — a pestilent and mystic vapor, dull, sluggish, faintly discernible, and leaden-hued.*” (POE, 2006, p. 301)

ser classificadas como *fantásticas* ou *maravilhosas*. Novamente, nos deparamos com o conceito de Todorov (1980) para o *estranho*.

O primeiro encontro entre o narrador e Usher, lhe causa uma forte impressão, especialmente por causa da aparência física do mesmo. A descrição do dono da Casa de Usher lembra muito mais alguém que já faleceu do que uma pessoa que goza de, ao menos, um pouco de saúde.

Uma tez cadavérica; olhos largos, aquosos e luminosos além de qualquer comparação; lábios um tanto finos e sem cor, mas com uma belíssima curva; nariz delicado como de um Hebreu, mas com narinas anormalmente largas; [...] A palidez medonha da pele e o brilho medonho dos olhos, acima de todas as coisas, me surpreenderam e mesmo impressionaram. Os cabelos sedosos também haviam crescido de forma desgrehada, e, em sua textura selvagem, flutuavam em lugar de cair ao redor de sua face, eu não podia, nem mesmo com esforço, ligar sua expressão à qualquer ideia de simples humanidade. (POE, 2006, p. 302)⁷

A impressão causada é forte, mas não pode ser definida como *fantástica* nem como *maravilhosa*. O *estranho* da situação chega a ser óbvio, mas não passa disso. O narrador, em momentos posteriores, passará a ter convicção de que seu amigo está seriamente doente, fato que explica sua condição física (TODOROV, 1980).

Durante uma conversa franca com seu amigo, Usher revela um pouco mais sobre sua doença, fala sobre os sintomas provocados pela mesma e que não foi o único em sua família a sofrer com o problema:

Era, ele disse, um mal de família, para o qual ele estava desesperado para encontrar um remédio — apenas um estado de espírito nervoso, adicionou imediatamente, que sem dúvidas passaria em breve. Se manifestava por meio de ma série de sensações anormais. [...] Ele sofria com a intensidade mórbida dos sentidos; somente a comida mais insípida era suportável, só podia usar vestimentas de certa textura; os cheiros de todas as flores eram opressivos; seus olhos eram torturados até mesmo pelas luzes fracas; e apenas alguns sons peculiares de instrumentos de cordas não lhe aterrorizavam. (POE, 2006, p. 303)⁸

Somos forçados a admitir que a sintomatologia apresentada não é das mais comuns, entretanto, de acordo com a definição de Todorov (1980), também não pode ser tratada como

⁷(Tradução livre da autora) “*A cadaverousness of complexion; an eye large, liquid, and luminous beyond comparison; lips somewhat thin and very pallid, but of a surpassingly beautiful curve; a nose of s delicate Hebrew model, but with a breadth of nostril unusual in similar formations; [...] The now ghastly pallor of the skin and the now miraculous luster of the eye, above all things startled and even awed me. The silken hair, too, had been suffered to grow all unheeded, and as, in its wild gossamer texture, it floated rather than fell about the face, I could not, even with effort, connect its Arabesque expression with any idea of simple humanity.*” (POE, 2006, p. 302)

⁸(Tradução livre da autora) “*It was, He Said, a constitutional and a family evil, and one for which he despaired to find a remedy — a mere nervous affection, he immediately added, which would undoubtedly soon pass off. It displayed itself in a host of unnatural sensations. [...] He suffered much from a morbid acuteness of the senses; the most insipid food was alone endurable; he could wear only garments of certain texture; the odors of all flowers were oppressive; his eyes were tortured by even a faint light; and there were but peculiar sounds, and these from stringed instruments, which did not inspire him with terror.*” (POE, 2006, p. 303)

sendo de origem *maravilhosa* ou *fantástica*. Ao mencionar que se trata de um mal de família, pode-se inferir que é uma doença ligada à genética e que causa um esgotamento nervoso acentuado, algum tipo de histeria. Alguns mencionam que a transmissão de tais características tão desagradáveis ocorreria por conta de relacionamentos incestuosos dentro da família de Usher, algo que não pode ser afirmado com certeza, mas que constitui uma das opções viáveis (EDITORS, 2002).

O medo demonstrado por Usher não pode ser considerado algo fora do comum, especialmente porque seus sintomas estão intimamente ligados à sua condição de saúde. Há de se levar em conta que o efeito psicológico observado neste ponto da narrativa, faz parte da filosofia utilizada por Poe (1846) em sua obra.

Além das questões físicas, o dono da mansão sofre por temer que sua linhagem sanguínea seja interrompida; algo muito plausível já que Usher e sua irmã, Madeline, são os últimos membros vivos da família. Tal preocupação é justificável, pois, assim como Usher, Madeline também se encontra enferma:

A doença da senhora Madeline, há muito, deixava seus médicos perplexos. Uma apatia instalada, um desgaste gradual, e uma frequentes, embora transitórias, crises de caráter parcialmente cataleptico, tais eram os diagnósticos incomuns. (POE, 2006, p. 304)⁹

Embora seja dito que os médicos se encontravam perplexos pelos sintomas apresentados por Madeline, a continuação da leitura deixa claro que, embora não tenha nome específico, trata-se de uma doença muito semelhante à conhecida, atualmente, como catalepsia¹⁰. Não encontramos traços de outra coisa que não seja o *estranho* no que diz respeito a esta enfermidade e/ou ao comportamento da enferma (TODOROV, 1980).

Com a morte de Madeline, Usher toma a iniciativa de não sepultá-la de imediato. Tal atitude pode parecer bizarra mas, dentro do relato, faz todo o sentido, já que as crises catalepticas, com o passar do tempo, tendem a se tornar mais fortes e duradouras. O ato do ‘sepultamento provisório’, no entanto, traz à tona algo que ainda não havia sido desvendado pelo narrador:

Uma semelhança impressionante entre os irmãos capturou minha atenção; e Usher, talvez adivinhando meus pensamentos, murmurou algumas palavras pelas quais eu

⁹ (Tradução livre da autora) “*The disease of the lady Madeline had long baffled the skill of her physicians. A settled apathy, a gradual wasting away of the person, and frequent although transient affections of a partially cataleptical character, were the unusual diagnosis.*” (POE, 2006, p. 304)

¹⁰ Doença rara que provoca rigidez muscular, em maior ou menor grau, torna a frequência cardíaca quase imperceptível e dá ao paciente a aparência de sono profundo, ou mesmo morte recente.

soube que ambos eram gêmeos, e que as simpatias de uma natureza dificilmente inteligível haviam sempre existido entre eles. (POE, 2006, p. 309)¹¹

Tendo visto Madeline apenas de passagem, o narrador não havia atentado para a semelhança existente entre os irmãos. Mas o fato de que ambos eram gêmeos não constitui nada assombroso. O estranho se dá, após o ‘sepultamento’, já que o comportamento de Usher se torna cada vez mais errático, sombrio e supersticioso, aumentando exponencialmente a preocupação do narrador para com seu amigo, bem como suas sensações sombrias (TODOROV, 1980).

A partir deste momento, os acontecimentos se dão de forma acelerada: o comportamento compulsivo de Usher, a atmosfera opressiva da mansão, e a noite em que o narrador não consegue conciliar o sono, contagiado pelo nervosismo que paira no ar. No meio da noite, Usher bate à porta do amigo, em um estado de nervos mais alterado que o normal, entrando no quarto de forma abrupta. A tempestade que cai ajuda a emprestar um aspecto de estranheza ainda maior à cena que se desenrola no quarto, com um Usher descontrolado abrindo a janela em meio à tormenta, precisando ser distraído pelo amigo por meio da leitura do livro que se encontra à mão. Mas, no meio da leitura, a atenção do narrador é captada por algo mais:

Ao final da frase, pausei por um momento, pois me pareceu (embora eu tenha concluído que minha imaginação fértil me enganou) — me pareceu que, de alguma parte remota da mansão, chegava aos meus ouvidos, de forma indistinta, o que poderia ser, em sua exata similitude, o eco [...] do mesmo som craquelado e rasgado que Sir Launcelot descreveu tão particularmente. (POE, 2006, p. 311)¹²

O narrador se encontra em meio ao território do *estranho* (TODOROV, 1980), tendo a impressão de ouvir coisas que não estão, ou não deveriam estar lá. A coincidência predomina na cena em questão, na qual os sons descritos equivalem àqueles ouvidos, de maneira abafada e distante, em meio à chuva que continua a cair, e ele se convence de que nada ouviu, mas que se acha fortemente influenciado por sua imaginação, excitada além dos limites nesta noite.

Com a continuação da leitura, as coincidências se repetem, deixando o narrador mais nervoso, embora empenhado em não assustar o amigo, que certamente ouviu os mesmos sons que ele, mas se encontra, aparentemente, em estado letárgico. Entretanto, ao se aproximar do

¹¹ (Tradução livre da autora) “*A striking similitude between the brother and sister now first arrested my attention, and Usher, divining, perhaps, my thoughts, murmured out some few words from which I learned that the deceased and himself had been twins, and that sympathies of a scarcely intelligible nature had always existed between them.*” (POE, 2006, p. 309)

¹² (Tradução livre da autora) “*At the termination of this sentence I started, and for a moment, paused; for it appeared to me (although I at once concluded that my excited fancy had deceived me) — it appeared to me that, from some very remote portion of the mansion, there came, indistinctly, to my ears, what might have been, in its exact similarity of character, the echo [...] of the very cracking and ripping sound which Sir Launcelot had so particularly described.*” (POE, 2006, p. 311)

amigo, escuta as palavras: “Nós a sepultamos viva!”¹³ (POE, 2006, p. 313). Usher revela que, há dias, escuta a irmã se mexendo na tumba improvisada, ouve sua luta para se libertar — tudo ‘graças’ a seus sentidos aguçados por sua condição médica — mas não toma nenhuma atitude em relação à situação, e, agora, está com medo de que Madeline venha reclamar sua vida em lugar da dela, como forma de vingança. (POE, *op. cit.*) Os fatos descritos situam-se, ainda, no campo do *estranho*, constituindo-se em acontecimentos assustadores, mas com explicações racionais, como frisa Todorov (1980).

Usher, de certa forma, prevendo os próximos acontecimentos, afirma que Madeline está à porta, esperando; a porta se abre, provando que ele tem razão. Eis que ambos vêem Madeline, parada na soleira do quarto:

Havia sangue sobre suas roupas brancas, e a evidência de uma luta amarga sobre cada parte de seu rosto emaciado. Por um momento, ela permaneceu trêmula e cambaleando de um lado para o outro no limiar da porta — então, com um gemido baixo, caiu pesadamente sobre o irmão, e em sua violenta e agora definitiva agonia de morte, levou-o ao chão como cadáver, e vítima dos terrores que ele havia antecipado. (POE, 2006, p. 313)¹⁴

O que poderia ser visto como *fantástico* ou *maravilhoso*, na verdade, encontra justificativas plenamente racionais (*estranhas*) (TODOROV, 1980): Madeline não ressuscitou, apenas se recobrou de uma de suas crises e encontrou-se presa em um caixão, levando dias para conseguir se soltar, sem acesso à comida, água, ou ajuda de qualquer espécie. Enfraquecida pelo esforço empregado, além da doença em si, aplica suas últimas energias para chegar ao irmão, a quem se abraça e morre, verdadeiramente desta vez. Usher, superexcitado pela doença, e assustado pela aparição da irmã, cai ao chão já morto, provavelmente por conta de um ataque cardíaco, algo perfeitamente possível em sua condição.

O mistério final reside no próprio título do conto, o qual antecipa o clímax da narrativa. Com as mortes presenciadas, o narrador foge a tempo de ver a mansão desabar:

O brilho pertencia à lua cheia, vermelha como sangue, que agora brilhava vividamente através da fissura, antes quase imperceptível [...] Enquanto eu olhava, a fissura se alargou rapidamente — veio um sopro feroz do redemoinho de vento — o orbe do satélite explodiu às minhas vistas — meu cérebro cambaleou enquanto eu via as poderosas paredes se despedaçarem — houve um longo e tumultuoso som como a voz de muitas águas — e o lago profundo, frio e úmido aos meus pés se

¹³ (Tradução livre da autora) “*We put her liing in the tomb!*” (POE, 2006, p. 311)

¹⁴ (Tradução livre da autora) “*There was blood upon her white robes, and the evidence of some bitter struggle upon every portion of her emaciated frame. For a moment she remained trembling and reeling to and fro upon the threshold — then, with a low moaning cry, fell heavily inward upon the person of her brother, and in her violent and now final-death agonies, bore him to the floor a corpse, and a victim to the terrors he had anticipated.*” (POE, 2006, p. 313)

fechou taciturno e silenciosamente sobre os fragmentos da Casa de Usher. (POE, 2006, p. 313)¹⁵

A queda da mansão ocorre por motivos que estão longe das explicações sobrenaturais. Como o narrador faz questão de mencionar no início e no fim de sua descrição dos fatos, a casa não se encontrava em um estado de conservação muito bom (ele menciona uma rachadura que percorria toda a casa — do teto ao chão), a chuva que caía durante a noite era pesada, sendo classificada como uma tempestade, os ventos eram fortes, gerando redemoinhos. A combinação de todos os fatores se encaixa no campo do estranho (TODOROV, 1980), sendo impressionante, mas não pertencente ao mundo da imaginação.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na “Queda da Casa de Usher”, Poe elabora e desenvolve traços característicos da categoria *estranha* à qual Todorov (1980) se refere em seus escritos como, por exemplo, vapores misteriosos e, aparentemente, inexplicáveis que cercam a casa em que vivem, bem como uma atmosfera opressiva, dentro e fora da mansão. Os personagens da trama se acham envolvidos por coincidências que se aproximam do sobrenatural, mas podem ser explicadas de forma racional. Tal racionalidade é explicitada pelo próprio Poe no decorrer da narrativa. Em momentos diversos, observamos que os fatos, aparentemente inexplicáveis e sombrios, são creditados à imaginação do narrador, à falhas estruturais (no caso do colapso da mansão), e mesmo ao jogo de luz e sombra que provocaria ilusões de ótica opressivos ao observador.

Ao fim de nosso estudo, nos encontramos em conformidade com a teoria apresentada e defendida por Todorov em relação ao conto analisado. As similitudes entre os irmãos Usher, as características das doenças que os afligem, seus comportamentos excêntricos, o relacionamento próximo dos gêmeos bem como sua interdependência, a ‘ressurreição’ de Madeline e subsequente morte de Roderick, e mesmo a queda da mansão são explicadas pela fala do narrador, ainda que, algumas vezes, de forma sutil. “Por conseguinte, a explicação sobrenatural só está sugerida e não é necessário aceitá-la” (TODOROV, 1980, p. 27).

Reiteramos que, em todo o conto analisado, as descrições marcantes e impressionantes dos eventos vivenciados pelo narrador podem ser explicadas tomando por base caminhos

¹⁵ (Tradução livre da autora) “*The radiance was that of the full, setting, and blood-red moon, which now shone vividly through that once barely-discernible fissure, [...] While I gazed, this fissure rapidly widened — there came a fierce breath of the whirlwind — the entire orb of the satellite burst at once upon my sight — my brain reeled as I saw the mighty walls rushing asunder — there was a long tumultuous shouting sound like the voice of a thousand waters — and the deep and dank tarn at my feet closed sullenly and silently over the fragments of the “House of Usher”.*” (POE, 2006, p. 313)

racionais, o que corrobora nossa afirmação de que “A Queda da Casa de Usher” está categorizado como *estranho*, e que as impressões provocadas no leitor não estão relacionadas à possibilidades sobrenaturais.

O presente trabalho é um, entre tantos que buscam categorizar um conto considerado clássico. A partir da presente classificação, abrem-se caminhos e vislumbres para estudos mais profundos, tanto do autor escolhido quanto de sua vasta obra.

“THE FALL OF THE HOUSE OF USHER”: A READING OF THE FANTASTIC CATEGORIES ACCORDING TO TODOROV

ABSTRACT

Literature by itself is constituted as a escape from reality, but some works present themselves, in this sense, in a stronger way, with descriptions linked to the supernatural, to the *fantastic*. Over the years, many scholars have dedicated their writings to the analysis of the *fantastic*, formulating theories, characterizations, and categorizations. One of those was Todorov (1980), who defined three categories to the genre in question. With this in mind, we chose the short story “The Fall of the House of Usher”, by Edgar Allan Poe, considered by many as one of the traditional exponents of this style, reading and subsequently analyzing it within the light of Todorov’s categories, with the purpose of discovering in which one of them the short story would fit in a more adequate way. By the end of our study, we came to the conclusion that the chosen narrative is in the territory called *strange*. Although it is impressive and close to the supernatural, the incongruities of the events described can be rationally explained, which discards its placement within the definitions of *fantastic* and *wonderful*.

Key-words: Fantastic Literature. Categories. Edgar Allan Poe.

REFERÊNCIAS

AULETE, F. J. C.; VALENTE, A. L. dos S. **Dicionário Online Caldas Aulete**. 2016. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/fantástico>>. Acesso em: 03/10/2016.

BARINE, A. **Poètes et Névrosés**. 2. ed. Paris: Hachette, 1908.

EDITORS, S. N. **Poe’s Short Stories**. 2002. Disponível em: <<http://sparknotes.com/lit/poestories/>>. Acesso em: 28/07/2016.

LOURENÇO, R. J. **A Contribuição de Edgar Allan Poe ao Conto**. sem data. 10 p. Monografia (Letras) — Universidade de Santo Amaro, Santo Amaro.

LOVECRAFT, H. P. **O Horror Sobrenatural em Literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

MARÇAL, M. R. A Tensão Entre o Fantástico e o Maravilhoso. **FronteiraZ**, São Paulo, v. 3, n. 3, p. 1 – 8, 2009.

MICHAELIS. **Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos, 1998. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?id=XVqp>>. Acesso em: 03/10/2016.

NODIER, C. Do Fantástico em Literatura. In: GRAVIER, A. W. D. (Ed.). **Barbe Bleue**. Paris: Chimères, 1989. p. 9 – 38.

POE, E. A. **The Philosophy of Composition**. 1846. Disponível em: <<http://xroads.virginia.edu/~HYPER/poe/composition.html>>. Acesso em: 08/04/2011.

POE, E. A. The Fall of The House of Usher. In:_____. **The Complete Tales and Poems of Edgar Allan Poe**. New York: Barnes & Nobles Classics, 2006. p. 299 – 313. ISBN 9781435106345.

RODRIGUES, S. C. **O Fantástico**. São Paulo: Ática, 1988. (Princípios). ISBN 8508029020.

SILVA, R. F. S. da. O Horror na Literatura Gótica e Fantástica - uma breve excursão de sua gênese à sua contemporaneidade. In:_____. **O Demoníaco na Literatura**. Campina Grande: EDUEPB, 2012. p. 239 – 254. ISBN 9788578791889. Disponível em: <<http://books.scielo.org>>.

SOVA, D. B. Introduction. In:_____. **The Complete Tales and Poems of Edgar Allan Poe**. New York: Barnes & Nobles Classics, 2006. p. IX – XV. ISBN 9781435106345.

TODOROV, T. **Introdução à Literatura Fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 1980. (Debates). ISBN 9684341334.

TOMACHEVSKI, B. V. Thématique. In:_____. **Theorie de la Littérature**. Paris: Seuil, 1965.